

Crise política e conflitos discursivos em redes sociodigitais: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo

Geilson Fernandes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Maria das Graças Pinto Coelho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo

O contexto do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff aponta um período de reconfigurações nas sociabilidades brasileiras que perpassa toda a constituição da vida social, frente a um cenário marcado por crises políticas e econômicas. Considerando esse panorama, observam-se as conversações estabelecidas no *post* mais comentado da Revista *Veja* no *Facebook* no dia do julgamento do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, destacando a abordagem etnometodológica sobre a análise da conversa. Os resultados indicam a forte presença das emoções na tessitura e produção de sentidos das conversações, as quais apontam incongruências com significados anteriormente representativos da sociedade brasileira como sendo alegre, cordial e acolhedora. No curso dos acontecimentos em questão, emergem e transitam discordâncias, conflitos e ondas de raiva mobilizadas pelos atores envolvidos, constituindo sentidos e horizontes de moralidade e justiça.

Palavras-chave

Impeachment. Emoções. Identidade cultural brasileira.

Introdução

Os recentes acontecimentos ocorridos em território brasileiro vêm demonstrando a constituição de um momento histórico singular para se repensar e problematizar alguns dos elementos concernentes à cultura, à identidade e, ainda, às emoções em voga no Brasil contemporâneo. É um momento em que irrompem discursos e narrativas que vêm alterando ou lançando luz sobre determinadas relações de convívio sociais, nas quais o conflito sobressai, ocasião em que emergem outras reflexões sobre o Brasil e os brasileiros.

É o que acontece quando se observam as conversações estabelecidas no período do processo de deposição de Dilma Rousseff, ocorrido em 2016, ano em que o Brasil, país com um regime democrático ainda jovem, passou pelo segundo processo de *impeachment* de seus presidentes. O primeiro ocorreu nos últimos meses do ano de 1992, sendo algo novo não só para o Brasil, mas também para a América

Latina pós-regimes ditatoriais. O então presidente Fernando Collor de Melo, mesmo tendo renunciado diante das acusações de corrupção, foi julgado pelos parlamentares em plenário para a votação do *impeachment*, os quais decidiram que o presidente não poderia ficar isento das denúncias e evitar o processo de cassação devido à apresentação de carta de renúncia. Uma vez julgado, Collor ficou inelegível por oito anos. Pouco mais de duas décadas depois, Dilma Rousseff, presidenta democraticamente eleita para o seu segundo mandato, após as eleições majoritárias de 2014 – a mais concorrida desde a redemocratização¹ –, também enfrentou um processo de *impeachment*, aceito pela Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016, com votação favorável finalizada no Senado em 31 de agosto do mesmo ano.

Com um clima político que já vinha se anunciando desde as jornadas de junho de 2013, no ano seguinte, na disputa das eleições, a rivalidade e o conflito já eram evidentes tanto entre as agremiações partidárias, quanto entre os seus militantes e a população de uma forma mais geral. O processo de *impeachment* (considerando tanto os seus

acontecimentos precedentes quanto subsequentes) deu vazão a uma gama de emoções e sentimentos que passaram a ser efetivamente expressos pelos atores sociais nos mais diversos dispositivos midiáticos de comunicação, tais como os sites de redes sociais – verdadeiros fenômenos na sociedade brasileira por abrigar um grande número de acessos, em dimensões não contabilizadas em outros países. Além das vozes jornalísticas que enunciavam sobre o *impeachment*, como ocorria nas páginas oficiais de jornais e revistas em redes como o *Facebook* e *Twitter*, também havia um intenso processo de conversação e debate por parte dos sujeitos comuns, isto é, os atores das/nas redes. Assim, logo que eram publicados *posts* nas páginas dos veículos jornalísticos, um grande volume de comentários também era produzido, os quais evidenciavam emoções contraditórias.

Tomando como base essa produção expressiva de comentários manifestados pelos atores nos sites de redes sociais, a partir do acontecimento *impeachment* de Dilma Rousseff, objetiva-se analisar as discussões realizadas a partir de um *post* da Revista *Veja*

1 A eleição de 2014 foi a mais acirrada do país desde a sua redemocratização. O seu resultado foi definido por uma diferença de 3,6 pontos percentuais.

em sua página oficial² no *Facebook*. Trata-se dos comentários da postagem intitulada “*Maduro rompe relações com Brasil e chama embaixador de volta após impeachment*”³, a qual, conforme levantamento e coleta de dados⁴, foi a mais comentada do dia da cassação de Dilma (um total de 15.901⁵ comentários). A escolha pela página da revista *Veja* para a realização dessas análises dá-se considerando o fato de que se trata do periódico que ainda tem (apesar da crise do impresso e de todas as suas contradições político-ideológicas reveladas na sua trajetória editorial) maior circulação em território nacional⁶. Isso se estende para o campo digital tanto no que se refere ao crescimento de vendas⁷, quanto a sua presença nos sites de redes sociais, nas quais se mostra ativa no que concerne à produção de conteúdo, fator que lhe possibilita o maior número de

curtidas e seguidores⁸ quando se observa o nicho das revistas jornalísticas no *Facebook*. Afora essas questões, salienta-se ainda a efetiva participação dos atores na produção de comentários em torno dos temas tratados e divulgados pelo periódico nas redes, elemento não identificado com a mesma força em outras páginas de revistas ou jornais no *Facebook* (como Carta Capital, Época, Isto É, Folha de São Paulo, Estadão, entre outros).

Estranhamente, o *post* a ser analisado não se referia ao processo de *impeachment* em si, mas enunciava uma das suas consequências: os governos do Equador e da Venezuela classificavam o que ocorria no Brasil como um golpe e anunciavam a retirada de seus embaixadores do país (conforme pode ser visto quando do acesso à matéria que o *post* direciona). Na ocasião, a maioria dos comentários agradecia

2 <https://www.facebook.com/Veja/>.

3 Além da quantia já expressa de comentários, este *post* teve, respectivamente, 65 mil reações, sendo 44 mil “curtidas”, 16 mil “haha”, 4,4 mil “amei”, 409 “uau”, 337 “gr” e 99 “triste”. Ademais, obteve um total de 27.574 compartilhamentos.

4 A coleta dos dados analisados neste artigo foi realizada pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob coordenação do professor Dr. Fábio Malini, a quem reforçamos o nosso agradecimento.

5 Total de comentários até a data da última coleta, realizada em 03.07.2017.

6 Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em 2017 a *Veja* chegou a 1,23 milhões de exemplares impressos em sua média de dezembro. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/03/19/apesar-de-queda-geral-revistas-crescem-em-digital.html>>. Acesso em: 14 jun. 18.

7 A revista segue como líder também em circulação digital, com média de 355,8 milhões de exemplares em 2017, tendo um aumento de 59% em relação ao ano anterior (IVC, 2017). Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/03/19/apesar-de-queda-geral-revistas-crescem-em-digital.html>>. Acesso em: 14 jun. 18.

8 Um total de 7.285.571 de curtidas e 7.096.593 seguidores até 09 de abril de 2018.

o desligamento dessas nações com o Brasil e pedia que os seus embaixadores voltassem, de fato, aos seus países de origem, argumentando que o Brasil não estava perdendo nada. Diante destas questões, são refletidas as transformações em torno da identidade cultural brasileira nesse momento de crise política e institucional, uma vez que os comentários dão indícios de mudanças que se apresentam em curso em torno dos sentidos sobre o Brasil e dos brasileiros, historicamente vistos como alegres, cordiais e receptivos. Nessa esteira, destaca-se a vinculação estreita das conversações produzidas com o campo das emoções, elemento que propicia sentidos e horizontes de justiça e moralidade.

A denotação conflituosa de tais práticas tem se tornado habituais e ganhado o espaço público na história recente do Brasil, tendo as redes sociais como um dos principais vetores de vazão e impulsionamento. Não são raros, dessa forma, casos de intolerância religiosa, política, racial, de gênero, étnica etc⁹. Quando relacionados à análise aqui proposta, esses diversos acontecimentos demonstram que a emergência de comentários que pedem a retirada de embaixadores da Venezuela

e Equador, devido ao fato de os presidentes desses países denominarem o *impeachment* como um golpe, não é uma exclusividade de um momento específico ou de uma página vista como conservadora, mas sinais de processos mais amplos que direcionam reconfigurações em torno do Brasil e de seu povo, assim como as suas formas de sentir e expressar emoções.

Para a análise dos comentários nos tópicos subsequentes, metodologicamente, são utilizadas as premissas da etnometodologia (GARFINKEL, 1967; COULON, 1995) e sua abordagem acerca da análise da conversa (WATSON, GASTALDO, 2015), partindo da sua concepção acerca dos fenômenos sociais. Esta, distinta daquela adotada pela sociologia tradicional, apresenta-se como uma microsociologia cujo principal objetivo é descrever e interpretar os métodos – ou etnométodos – que os sujeitos comuns fazem uso para atribuir sentido às suas ações, haja vista que estas não são meras reproduções das estruturas que os rodeiam. Associada a essa prerrogativa, utiliza-se também a noção de condições de possibilidade, de ancoragem foucaultiana (2013).

9 Diversos casos poderiam ser aqui citados, como o ataque feito à filósofa Judith Butler no SESC Pompeia; as comemorações em relação à morte de Marisa Letícia, esposa do ex-presidente Lula; comemorações no que se refere ao assassinato da vereadora Marielle Franco (RJ), mulher, negra, lésbica e ativista dos direitos humanos, entre outros. Contudo, atendendo aos objetivos do artigo, a análise deter-se-á no caso já apresentado, visualizando-o como parte de uma rede mais ampla.

Considerando o viés qualitativo das análises, são selecionados os primeiros 50 comentários¹⁰ da postagem e todas as respostas¹¹ a eles direcionadas para a composição do *corpus* investigativo. Tal decisão se dá pela perspectiva empiricamente comprovada a partir de verificações anteriormente realizadas de que, após os 50 primeiros comentários, há uma forte tendência à redundância dos sentidos. Destaca-se, ainda, que neste processo de coleta e análise não foram considerados os comentários compostos exclusivamente com marcação de outros atores, somente por imagem, que direcionavam para outras páginas, através de links, spams, em outras línguas, ininteligíveis e/ou repetidos. Inicialmente, foram coletados um total de 563 comentários (50 primeiros + 513 respostas). Após esquadramento baseado nos critérios mencionados, restaram 490 (50 primeiros + 440 respostas), os quais são analisados com o intuito de se refletir sobre o que os movimentos de sentidos ali presentes desvelam acerca da identidade cultural brasileira hoje.

Imagens e imaginários do Brasil: revisitando conceitos

Comumente são atribuídas à identidade cultural brasileira características que têm se cristalizado nas imagens e nos imaginários sobre o país, construindo-se um sentido de brasilidade marcado pela visão de uma nação de povo alegre, cordial, acolhedor, entre muitos outros aspectos. Estes serão aqui brevemente discutidos com o intuito de fornecer pistas de leitura para a análise dos comentários do *post* anteriormente citado, atentando para as possíveis mudanças ou contradições que eles apontam acerca da identidade cultural brasileira nos tempos correntes, sobretudo no Brasil pós-golpe de 2016.

Conforme Ortiz (2006, p. 138) “a identidade nacional é uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência”, fator demonstrativo de que toda identidade trata-se de uma representação, não sendo um dado concreto ou que possa ser elucidado ou descoberto. Neste sentido, segundo o autor, o que se tem sobre a identidade cultural

10 O *facebook* disponibiliza três filtros para a organização e a leitura dos comentários: 1) comentários mais relevantes – os comentários mais relevantes aparecem na parte superior; 2) mais recentes – os comentários novos e aqueles com novas respostas aparecem na parte superior, e; 3) comentários mais relevantes (sem filtro) – todos os comentários, incluindo comentários de spam e em outros idiomas, cujos comentários mais relevantes aparecem na parte superior. O filtro utilizado para a coleta dos dados foi o terceiro, valendo ressaltar que o site classifica como os mais relevantes aqueles que obtêm mais curtidas e respostas.

11 No espaço de conversação, o *facebook* oferece a função “responder” logo abaixo ao comentário produzido, sendo uma alternativa à opção curtir. As respostas dos comentários são consideradas para análise devido ao seu potencial mobilizador de discussões.

brasileira seriam mais representações simbólicas do que seria o país e os seus habitantes, uma construção social e histórica que passa a desempenhar formas de distinção entre o que é e o que não é ser brasileiro. Ainda, de acordo com Ortiz (2013, p. 609), a indagação “quem nós somos?” pode receber diferentes respostas dependendo da inclinação teórica, dos posicionamentos políticos e ideológicos e do contexto sócio-histórico de quem responde. Todavia, alguns adjetivos sempre são retomados, reforçando o ideal do brasileiro como um povo festivo, aberto às outras culturas, afável etc.

Em seus trabalhos, Sérgio Buarque de Holanda (1995) dirá que o brasileiro é “cordial”, “aventureiro” e também “inclinado à desordem”. Ele também atesta que se trata de um povo que tem qualidades como a “bondade” e a “emotividade”, que foge dos conflitos diretos, que tem horror às distâncias, privilegiam ideias ligadas à afetividade – o acolhimento, as relações baseadas no toque, nomes que são colocados no diminutivo –, refletindo também certa “tolerância” no que concerne às diferenças, haja vista o processo de miscigenação na construção do próprio país.

O homem cordial é, inclusive, na visão de Holanda (1995, p. 146) uma contribuição brasileira para a civilização, avaliando que “a lhanheza no trato, a hospitalidade,

a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...]” (HOLANDA, 1995, p. 146). Não obstante tais considerações, o autor ressalta que “seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante [...]” (HOLANDA, 1995, p. 146). A percepção de homem cordial mostra-se, assim, como um ideal sociopsicológico do brasileiro, bem como de suas sociabilidades. O sentido de cordialidade no trabalho de Holanda (1995) não diz respeito a uma generosidade, inocência ou gentileza, mas visa a explicitar como característica de um povo a sua sociabilidade pautada pelos sentimentos em primeiro plano.

Em um ambiente de instabilidades institucionais ou normativas, por exemplo, o homem cordial agiria no sentido de pacificar os conflitos, utilizando de lhanheza, reduzindo as diferenças e convertendo desconhecidos em amigos, a partir da interpretação dos benefícios e retribuições que isso poderia vir a ter. Nesse sentido, a cordialidade também atravessa um misto de esperteza e hipocrisia, porque, de fato, o sujeito esconde-se nela para evitar confrontos, sejam eles políticos ou sociais. O homem cordial tem a sua expressão baseada em princípios emotivos; busca estabelecer relações de proximidade

e personalidade, não agindo com cerimonialismo, mas a partir de impulsos de ordem afetiva. Ao mesmo tempo, também não é afeito a normas, ordens ou leis de caráter coletivo, sempre buscando por meio da sua *cordialidade* superar estes fatores. Outrossim, a cordialidade estaria presente na própria essência dos brasileiros como parte constitutiva de sua identidade cultural, estando também sempre presente enquanto aspecto da memória coletiva de seu povo.

Os afetos, as emoções e os sentimentos são elementos recorrentes na construção dos sentidos sobre o Brasil e os brasileiros, os quais parecem sempre ser exacerbados quando comparado aos de outras nações. Seguindo essa prerrogativa, em trabalho de Freire Filho (2015, p. 406), é demonstrado o quanto a alegria consolidou-se, especificamente a partir de 1930, como um componente marcante da *brasilidade*, sendo, conforme o autor, um aspecto decantado em prosa e verso e sempre enaltecido pela propaganda publicitária e por turistas saudosos. No entanto, Freire Filho (2015) já assinalava que alguns acontecimentos vinham demonstrando mudanças nos estados de ânimo dos brasileiros, como as jornadas de junho de 2013. Mesmo assim, reforça que, historicamente, a alegria é um traço constitutivo da identidade cultural brasileira, uma das bases da formação de seus imaginários.

Motivo de orgulho patriótico, a *típica alegria dos brasileiros* foi captada e cristalizada em um singelo conjunto de imagens, ritmos e símbolos: os saracoteios do samba na Sapucaí; as ruas ocupadas por foliões eufóricos e irreverentes; garis que removem os restos da festa, bailando felizes da vida; a descontração desnuda nas praias; o jeito lúdico de praticar e de apreciar o futebol; a forma risonha ou gaiata de aguentar o fardo de uma rotina de trabalhos estafantes e de direitos precários. (FREIRE FILHO, 2015, p. 402)

Como visto, a alegria cristalizou-se como um elemento central da brasilidade, mesmo em cenários marcados pelo exercício da atividade laboral ou de dificuldades extenuantes, favorecendo de forma incisiva a constituição de ideais cercados de positividade. Todavia, alguns teóricos problematizaram esse excesso de positividade, como Darcy Ribeiro (2008, p. 21), com sua admiração em torno dessa expressiva alegria. “Não sei por que tanta alegria, se metade desse povo passa fome”, afirmou o autor, que vê na intersecção das matrizes indígena, portuguesa e africana o estabelecimento de um caldeamento cultural que resultou em um “povo novo”, totalmente aberto para o futuro (RIBEIRO, 1995).

Essas características e particularidades sobre o Brasil e o seu povo compõem, na visão de Souza (2015, p. 48) a tese da “singularidade cultural”, isto é, a premissa de um povo que possui características únicas e inigualáveis.

Assim posto, torna-se uma “segunda pele” para todos que aqui vivem, através de combinações múltiplas e heterogêneas que, mesmo em meio às diferenças, demonstrariam uma coerência ou sentindo em comum.

Souza (2015, p. 49) afirma que essa singularidade e coerência em meio às diferenças emerge principalmente a partir da ideia do Brasil pautada no encontro de raças, o que passa a ser visto como “virtude cultural”, sobretudo, após os trabalhos de Gilberto Freyre (2005), desenvolvidos durante o século XIX e com ressonâncias até os dias de hoje. Souza (2015) assevera que, por muito tempo, a miscigenação foi vista como um defeito a ser superado pelo Brasil. Entretanto, com a obra de Freyre (2005) construiu-se um sentido positivo sobre isso, favorecendo a emergência da ideia do vínculo afetivo do brasileiro, bem como de sua tolerância e abertura cultural, pois, como poderia ser empiricamente comprovável, a existência de pessoas com diferentes matrizes culturais que perambulavam pelas ruas não era motivo de conflito. Isso seria revelador de uma capacidade de articular e unir aspectos contrastantes, o que não deveria ser pretexto de vergonha, mas de orgulho, assegura Souza (2015) em suas análises da obra de Gilberto Freyre.

O elogio da unidade, da homogeneidade, da “índole pacífica do povo brasileiro”, do

encobrimento e da negação de conflitos de toda espécie, assim como, no outro polo, a demonização da crítica e da explicitação de conflitos e das diferenças, ganham, a partir desse contexto discursivo e até nossos dias, sua articulação e legitimação máximas. (SOUZA, 2009, p. 38)

Esse ponto de vista, assinalado pelo viés positivo e de tolerância, caiu como uma luva para os interesses do governo de Getúlio Vargas e sua política industrializante (SOUZA, 2015, p. 50), já que a miscigenação atuava a partir de então como redutora das diferenças e fortalecia as percepções de calor humano, hospitalidade, cordialidade e tolerância do Brasil e de sua gente. Em muitos momentos, isso chegava a ponto de ser uma “evidência não passível de discussão”, algo como uma “segunda natureza” vinculada à identidade de todos os brasileiros (SOUZA, 2015, p. 50). Em vista disso, constrói-se o que o autor passa a denominar de “mito nacional” (SOUZA, 2009, p. 29), forma moderna de constituição de todas as nações. Esse mito objetiva um sentimento de pertencimento e solidariedade coletiva, através da busca por uma unidade que, mesmo diante das diferenças, possa assegurar o compartilhamento de uma mesma narrativa, que deverá ser internalizada como algo em que o sujeito brasileiro, no caso, reconhece-se e que se torna indissociável de sua personalidade. Por conseguinte, também deverá haver o sentimento de unidade na partilha de um mesmo destino.

Atreladas às características até aqui mencionadas, a solidariedade e a tolerância entre raças e culturas podem, segundo o discurso oficial (do Estado) e publicitário (midiático), ser vistas nas ruas brasileiras a olho nu. Esses discursos também passam a ser reproduzidos nos livros didáticos, nos quais tais ideias sempre são reforçadas pelos seus conteúdos, motivando comemorações romantizadas de datas como o Descobrimento (22 de abril), a Independência (7 de setembro) e a Proclamação da República (15 de novembro), celebrações que exacerbam a singularidade nacional e encobrem possíveis contradiscursos que deslegitimem este ideal de brasilidade. Nas vezes em que isso acontece, é comum se ouvirem, como aponta Souza (2009, p. 39), discursos de autocomplacência nos quais se diz: “[...] tudo bem, temos lá nossas mazelas, nossos problemas, mas nenhum povo é mais caloroso, simpático e sensual neste planeta”.

Todas essas imagens e imaginários integram a identidade cultural brasileira e foram se constituindo ao longo da história e suas descontinuidades. A circulação dessas ideias e ideais dá-se de múltiplas formas, especialmente por meio dos discursos institucionais e midiáticos. Contudo, na contemporaneidade, verifica-se a irrupção acentuada de comportamentos, sociabilidades e subjetividades que, a partir de determinadas práticas sociais, vêm produzindo discursos que

contradizem os modelos de brasilidade ora apresentados. É sobre essa problemática que trata o tópico seguinte.

“Se é por falta de adeus...”: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo

Considerando o caráter ininterrupto das formações sociais com seus acontecimentos e relações diversas, compreende-se o quanto cultura e sociedade não são fatos dados em si mesmo, muito menos estáticos, como já apontado inúmeras vezes pela teoria sociológica. Os primeiros sinais da mudança são indicados por pequenas fissuras que vão dando passagem ao novo e, muitas vezes, imprevisível. Com isto, disputas vão se formando, sobretudo no que concerne às práticas e aos seus sentidos. No Brasil contemporâneo, entre os muitos embates que têm emergido, há um que diz respeito à própria sociabilidade de seu povo. Aqui, esse aspecto pode ser observado quando se analisam os comentários do *post* que obteve o maior número de interações (através de comentários, reações e compartilhamentos) na página da Revista *Veja* no *Facebook* no dia do *impeachment* de Dilma Rousseff, já que as trocas ali presentes contradizem a visão de que “a aversão ao conflito seria o núcleo de nossa “identidade nacional”” (SOUZA, 2009, p. 39).

Deveras, a mitificação do Brasil e de seu povo com base no afeto e acolhimento ainda

se mostra como parte dos discursos postos em circulação sobre a brasilidade. Outros, no entanto, vêm tendo a sua emergência, como mostram os comentários em resposta ao *post* da *Veja* que informava o fato de os presidentes do Equador e da Venezuela orientarem os embaixadores de seus países a deixarem o Brasil após o *impeachment* de Dilma Rousseff (classificado pelos presidentes como golpe). Como já antecipado, a grande maioria das conversações referentes ao *post* – que trazia o enunciado “*Maduro rompe relações com Brasil e chama embaixador de volta após impeachment*” – agradecia o desligamento de nações como a Venezuela e o Equador com o Brasil e pedia que os seus embaixadores voltassem, de fato, aos seus países de origem, argumentando que o Brasil não estava perdendo nada, o que aponta contradições e modificações em torno da identidade cultural brasileira.

Eis alguns casos que demonstram isso: “*leva o embaixador e devolve o dinheiro que roubaram do Brasil... Palhaço*”¹²; “*Amém!!!! Só devolva nosso dinheiro e a nossa refinaria. VAGABUNDO*”; “*Nossa, que falta farão Venezuela, Equador e Bolívia! Até que é bom esse rompimento para impedir qualquer envio de dinheiro para os bolivarianos*”;

“*Se eles pensam isso [que foi golpe], é por que estamos no caminho certo!!*”; “*Se a notícia se confirmar, não perderemos nada. Ganhamos muito, afinal financiávamos esses lixos comunistas com dinheiro público, através de obras feitas com verbas do BNDES. Tomara que Cuba também rompa com o Brasil se Deus quiser*”.

Como pode ser visto, os comentários trazem consigo posições que contradizem explicitamente a visão do Brasil como um país de gente afável, que preza pelas relações interpessoais ou que não é dado aos conflitos e embates diretos. Muito pelo contrário, nas práticas discursivas expostas, o que se percebe é a ausência de abertura para o diálogo ou, mais ainda, a inexistência da premissa de cordialidade elencada por Holanda (1995). Deste modo, revelam-se incongruências no que diz respeito aos discursos tradicionais, alicerçados em etnométodos que pressupunham uma afabilidade relacionada ao país e ao seu povo, quando o que se identifica nas conversações trazidas para reflexão são outros métodos culturais, os quais denotam raiva, rancor e ressentimento, pautados especialmente nos embates e conflitos e utilizados com vistas a reduzir o outro.

12 Os comentários trazidos para análise serão transcritos em sua forma literal e destacados em itálico. Em relação aos responsáveis pelos comentários, estes não serão identificados.

Exemplo disso é que o litígio e a não cordialidade dos comentaristas foi estendida, inclusive, a países que ainda nem tinham se pronunciado sobre o *impeachment*, como Cuba, Bolívia e Uruguai, que antecipadamente também foram aconselhados a seguir o exemplo da Venezuela e do Equador. Contrariando a suposição do país da alegria, o que se notam nessas conversações são emoções que dão sustentação a xingamentos e julgamentos que são ecoados nos comentários: “*Não precisa voltar e leve junto os embaixadores da Bolívia, Equador, Cuba e Uruguai, também não esqueça de devolver o dinheiro roubado do nosso povo. Bandido, ditador, vagabundo e assassino!!*”; “*finalmente nosso país indo rumo liberdade e se livrando desses lixos bolivarianos, quem e o próximo país a cai fora por favor Ouvi Cuba, Bolívia?*”; “*Se é por falta de adeus ao Maduro, então “tchau querido” pra ele também! Já que teu embaixador vai de volta, aproveita e pede pra ele levar um lote de papel higiênico, comida e remédios pro teu povo, viu querido...*”; “*Maduro vai catar coquinho lá no asfalto. Homem asqueroso!!!!*”; “*Danem-se misérias, vocês são o câncer da América Latina, lixos de hospitais, escórias da escória, usurpadores de poder e a vergonha dos seus povos. Já vão muito tarde*”; “*É um favor, inclusive temos que impedir que seus compatriotas venham pedir esmolas aqui no Brasil. Todos países produtores e exportadores de cocaína*”.

De um modo geral, todos os comentários e seus respectivos posicionamentos desvelam entrelaçamento entre as emoções e a política, elementos enredados que parecem tecer a complexidade dos agenciamentos que vêm se estruturando na vida comum dos brasileiros. Já é fato, conforme alguns autores, a ancoragem que as emoções têm no cultural e social, produzidas e produzindo ao mesmo tempo esses âmbitos (MARCUS, 2000; JASPER, 1998; KOURY, 2004; REZENDE, COELHO, 2010). Por muito tempo tidas como irracionais ou como fatores que obscureceriam o entendimento, hoje se compreende que as emoções não atendem a esses pressupostos, já que apresentam e expressam racionalidade, assim como podem lançar luz sobre os acontecimentos em voga, conforme argumenta Calhoun (2001), para quem as emoções especificam os domínios das ações nas quais os sujeitos movem-se, articulam-se e posicionam-se, não estando, portanto, contrapostas às dinâmicas cognitivas. De acordo com Jasper (1998, p. 398, tradução nossa) “as emoções não são apenas parte de nossas respostas aos eventos, mas também, na forma de apegos profundos e afetivos, moldam os objetivos de nossas ações”¹³.

13 “Not only are emotions part of our responses to events, but they also-in the form of deep affective attachments-shape the goals of our actions”.

Especialmente em relação à política e ao seu entrelaçamento com as emoções, levando em conta o caráter dos comentários ora analisados, identifica-se uma articulação íntima desses campos desde Aristóteles e o desenvolvimento da retórica, quando se afirmava que um líder deveria saber usar a emoção para obter atenção e ganhar influência dos públicos (MARCUS, 2000, p. 222), reforçando o seu valor para a produção e avaliação das ações. Wolak et al (2003, p. 02) acentuam o quanto as emoções regulam não apenas a atenção dada pelas pessoas ao mundo político, mas também como facilita o engajamento dos indivíduos nos debates e conversações. Os autores ainda destacam que, em vez de obscurecer o julgamento e limitar a tomada de decisão racional, as emoções podem levar as pessoas a abandonarem hábitos de desinteresse, de modo a incentivar maior participação. Corroborando com esse pensamento, Marques (2010, p. 13) propõe que a política não deve ser tomada como sendo dissociada das emoções, pois não está unicamente associada a um regime de racionalidade cognitivo-instrumental em detrimento das emoções e experiências estéticas.

Para Dewey (1980, p. 94), “a emoção é a força motriz e consolidante. Seleciona o que é congruente e pinta com suas cores o que é escolhido, com isso conferindo uma

unidade qualitativa a matérias externamente díspares e dessemelhantes”. Ainda conforme o autor, as emoções possuem um caráter argumentativo, pois permitem a elaboração de reflexões para o agir; logo, atuam na configuração dos posicionamentos e modos de ação dos sujeitos, o que não é restrito a persuasão ou retórica. O papel argumentativo das emoções se faz presente nas dinâmicas de interação discursivas engendradas na rede como uma forma de mobilizar o debate, ora buscando empatia e concordância (quando dos comentários que dialogam e tecem diversos motivos para a saída de Dilma do poder ou da ida dos embaixadores para seus respectivos países), convencimento (através das respostas aos comentários que lhe são contrários, visando a um realinhamento de perspectiva) e até mesmo como um modo de demonstrar que determinada posição-sujeito seria mais “inteligente” e/ou “crível” (nos casos em que nem a concordância tampouco o convencimento produz efeitos, dando lugar a vociferação de emoções que buscam diminuir o outro).

“Se é por falta de adeus [...]”, “Danem-se [...]”, “Já vão muito tarde [...]”, “[...] temos que impedir que seus compatriotas venham pedir esmolas aqui [...]”, enunciados produzidos e com grande número de curtidas na página do Facebook da *Veja* são ocorrências exemplares do

último caso acima citado (quando os elementos propriamente dialógicos da argumentação e interação vão sendo perdidos). Entretanto, esses posicionamentos dizem bastante sobre o quanto a identidade cultural brasileira, construída a partir de narrativas baseadas na afetividade e positividade, está em um momento de recomposição e/ou problematização. Tomando a noção de condições de possibilidade de Foucault (2013) para entender estas alterações, reconhece-se que se trata de um momento de ruptura com os discursos tradicionalmente legitimados, uma descontinuidade da história frente aos discursos lineares em que se baseiam os sentidos de brasilidade. As rupturas indicam quebras, o estabelecimento de cesuras, e são nesses instantes que os discursos outros surgem e passam a ter vazão, a partir de condições de possibilidades históricas e sociais dadas (FOUCAULT, 2013).

Entre as condições de possibilidades que propiciam enunciações que desvelam sentidos controversos em relação às narrativas costumeiras sobre o Brasil e o seu povo, apontam-se as jornadas de junho de 2013 como um dos elementos que colocaram abaixo a percepção da sociedade brasileira como não muito afeita aos conflitos. Destaca-se também a intensa crise econômica enfrentada pelo país nos últimos

anos, ainda como ressaca da crise de 2008, iniciada nos EUA. Como se já não bastasse, o período de crise é intensificado após a entrada do fator político – com o *impeachment* e os inúmeros escândalos de corrupção – uma verdadeira crise à brasileira. Nesta esteira, identifica-se uma intensa polarização política, a partir da qual se estabelece um modelo em que a razão dialógica vai perdendo espaço, como poderá ser visto nas respostas dos comentários já elencados. A partir do trabalho de Antunes Jr. e Wainberg (2017), o papel da mídia corporativa nacional, que tem ofertado estados de ânimo para que os sujeitos possam vivenciar as intempéries do momento de crise, também deve ser aqui mencionado, já que, uma vez amplamente midiaticizada, a crise tornou-se, além de espetáculo, oportunidade para a promoção de estratégias que pudessem favorecer os monopólios de mídia, menos interessados na democracia do que em seus retornos financeiros. No que concerne a esse ponto, cabe indicar também os vieses assumidos pelos discursos jornalísticos e midiáticos nesse processo, sempre investidos de recursos ou apelos emocionais (EMEDIATO, 2007).

Além desses fatores, há de se lembrar um forte retorno do conservadorismo, fato possibilitado pela eleição, em 2014, de uma bancada

ruralista, evangélica e retrógrada¹⁴, bem como a ascensão daquilo que Ribeiro (1995) denominou como ranço classista, ao referir-se às visões preconceituosas e reducionistas das classes mais abastadas em relação ao restante da população. Esses são, por sua vez, apenas alguns fatores identificáveis, que, associados, possibilitam o cenário para esta ruptura e seus desdobramentos, cabendo ressaltar que não se trata de causa e efeito, mas de aspectos diversos que, juntos, instauram um contexto novo e singular (FOUCAULT, 2013), a partir do qual outras formas de brasilidade alicerçadas em outros etnométodos são trazidas à tona.

Nessa mesma direção, observa-se a partir dessas condições a constituição de uma pluralidade de sujeitos políticos, no sentido elaborado por Laclau e Mouffe (1987), os quais emergem em meio a essas rupturas, atravessados por novas subjetividades, emoções e modos de expressão. Tais sujeitos produzem-se como campos animados em um contexto ativo e transitivo e, através de seus múltiplos posicionamentos, lançam mão de seus discursos, suas visões e seus julgamentos na rede, quando se encontram com outros posicionamentos, que podem tanto reforçar determinadas perspectivas como

contradizê-las, cenário que dá lugar a conflitos e antagonismos.

Laclau e Mouffe (1987) afirmam que, na vida democrática, o antagonismo tem uma dimensão política singular, podendo ser visto inclusive como fundamento ontológico da vida social, de tal modo que o dissenso seria justamente aquilo que a caracteriza. O consenso, neste sentido, seria uma pressuposição do paradigma liberal-democrata hegemônico, visto como negativo pelos autores para os processos democráticos. Partindo da premissa de que o dissenso não se expressa tão somente pelo viés da negatividade, Mouffe (2005; 1999) parte da noção de Carl Schmitt, para quem o fundamento do conflito político seria caracterizado pela hostilidade entre os sujeitos, adaptando mais tarde tal pensamento de acordo com suas perspectivas. Reconhecendo a natureza das relações sociais, Mouffe (2005, 1999) institui as bases de sua teoria política em oposição à perspectiva liberal, reafirmando o valor do dissenso para as sociedades democráticas. A autora propõe, então, um “pluralismo agonístico”, contrastante aos antagonismos, no sentido de que, em uma democracia radical, a impossibilidade de erradicação do antagonismo

14 Mais conservador, congresso eleito pode limitar avanços em direitos humanos. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-10/mais-conservador-congresso-eleito-pode-limitar-avancos-em-direitos-humanos>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

seria uma de suas características. Contudo, o “pluralismo agonístico” deverá permitir a existência do dissenso e do conflito entre os sujeitos diferentes sem implodir a si mesmo, ou seja, não havendo espaço para a eliminação entre as partes envolvidas, o que evoca uma transformação do conflito shmittiano, já que o inimigo passa a ser visto como adversário.

Uma democracia em bom funcionamento demanda um embate intenso de posições políticas. Se faltar isso, há o perigo de que a confrontação democrática seja substituída por uma confrontação dentre outras formas de identificação coletiva, como é o caso da política da identidade. Muita ênfase no consenso e a recusa de confrontação levam à apatia e ao desprezo pela participação política (MOUFFE, 2005, p. 21)

Assim posto, o antagonismo seria a luta entre inimigos, ao passo que o agonismo representaria a luta entre adversários. Pelo viés do “pluralismo agonístico”, o objetivo da política democrática é transformar antagonismo em agonismo. Os comentaristas (sujeitos políticos) e seus comentários (especificamente na postagem da *Veja*), apresentam-se de forma antagônica. Neles, não há uma lógica adversarial, mas propriamente da relação existente entre inimigos. Logo, percebe-se a presença não de um agonismo no sentido compreendido por Mouffe (2005; 1999), mas antagonismos que se produzem com vistas à eliminação do outro, elemento que coloca em jogo o fato de que, a partir das moralidades condenatórias

ali presentes e enunciadas através de discursos calcados em emoções, afetos e sentimentos, estão à prova não só os modelos de brasilidade, mas o próprio modelo de se pensar a política, a democracia e a justiça social.

A ausência de atenção para aquilo que o outro diz, ou a resposta a sua mensagem com raiva, ódio e ressentimento – emoções que se firmam como formas de racionalidade para se perceber o interlocutor –, induzem à reflexão sobre o quanto este outro está sendo desconsiderado. Pela perspectiva dos comentaristas, talvez “o outro” seja desmerecedor de atenção, ou são pessoas com as quais não vale mais argumentar, haja vista a crença de que não há mais, mesmo que minimamente, a possibilidade de mudança de sua opinião. Essas formas de olhar (ou de deixar de olhar) evoca as discussões empreendidas por Butler (2015), quando reflete sobre “quem” conta como “quem”, no sentido de ser digno de reconhecimento, ou mesmo, merecedor de desprezo e escárnio. Nos comentários, esse “merecimento” é legitimado pelas posições em sintonia, ao passo que as discordantes assumem uma característica que as faz deixar de contar como “quem”. Destarte, os próprios venezuelanos, equatorianos e todos aqueles que são chamados de “comunistas” e “bolivarianos” são enquadrados como distintos do “nós”; portanto, eles são aqueles

que merecem ser esquecidos e enfrentar os sofrimentos elencados pelas conversações.

Nas respostas aos comentários expostos, há um processo de extensão das visões já compartilhadas no mesmo espaço, com poucas réplicas ou críticas: “O nosso vizinho mais imbecil rompendo conosco. So tenho pena do pobre povo venezuelano obrigado a aturar esse tiranete”; “Vai pro INFERNO seu PODRE..... já deu De comida para seu povo e pare de MIMIMI”; “O embaixador deve ter ficado puto, querendo ou não aqui tem papel higiênico p limpar a bunda e lá não”; “Aproveita e leva o povo venezuelano que tá na fronteira querendo morar no Brasil”; “Quando acaba o sangue os primeiros a sair são os parasitas... #lulapresochorapetralha#”; “Desde que o Brasil se envolveu com esse tipo de corruptos comunista, so foi pra trás. Vai a MIERDA MADURO!”; “A única coisa que esses países mandam pra cá é droga e armas. Já deviam ter fechado a fronteira há vários anos”.

As respostas em que os atores se colocaram como contrários aos posicionamentos acima foram em um número bem reduzido, correspondendo a apenas a 7,044%, ou seja, 92,945% dos comentários analisados reforçam o discurso de que os embaixadores do Equador e Venezuela “já vão tarde”. Nestes 7,044%, o impeachment é classificado como um golpe: “Foi golpe”; “É golpe tirar uma pessoa inocente do cargo de presidente”; “De golpe os apoiadores do

Temer e PSDB entendem muito bem 🤔”; “Perigoso é quem deu o GOLPE. Cuidado! 🙊👂”; “Esse golpe foi arquitetado para retirar a presidente e arquivar o processo da lava Jato”. A quantidade inferior de comentários com essa perspectiva já era esperada, pois, para receber as notícias postadas pela página da revista, há a necessidade de a ter curtido ou ter se tornado um de seus seguidores, o que raramente é feito pelos atores que não estão de acordo com a sua linha editorial, claramente favorável à doutrina neoliberal e contrária aos governos do PT (Partido dos Trabalhadores) e, por consequência, a Dilma Rousseff.

Em alguns dos comentários ou respostas que têm o mesmo viés – “foi golpe!” – percebe-se uma preocupação com o desligamento de outras nações com o Brasil, sobretudo devido à questão comercial. “Sério q vc acha q o comércio com q Venezuela não é importante? 🤔”, indagou um dos atores em relação a outro que dizia que o Brasil só deveria se relacionar com que tinha algo a oferecer – “são uns mortos de fome... tavam aqui mendigando... Brasil quer parceria com quem tem o que oferecer”. Outros também acusavam o novo presidente – Michel Temer – de traidor e golpista, e seus seguidores, de coxinhas, atestando que só haveria democracia com novas eleições: “E agora gente, o que será do BRASIL com um TRAIADOR presidente?”, “Coxinhas bandidos!”, “O dinheiro tá no bolso dos que votaram a favor do impeachment”, “Só haverá

democracia se houver uma nova eleição". Alguns, ainda, expressavam tristeza pelo acontecimento "*Triste é saber q nao tem nada a ver com o combate à corrupção!!*".

Em relação à Dilma, para aqueles que viam o *impeachment* como um golpe, ela foi uma vítima, alguém que lutou até o fim – "*Uma pena que ela se foi. Independente de qualquer partido ou opinião, não podemos negar que ela dedicou seu trabalho aos menos favorecidos. Enfrentou vários desafios e não desistiu até o último minuto. Resistiu!*" –, enquanto para os outros sujeitos políticos que enxergaram no processo e julgamento um ato legítimo, ela foi apontada como algoz, alguém que deveria pagar pelos seus erros, de maneira especial, por deixar o país afundado em um cenário "caótico", afirmavam. Desse modo, estes pediam que os embaixadores fossem embora e também levassem Dilma e Lula junto – "*Aproveitar e levar tbm Dilma, Lula e família com os embaixadores pra lá*", "*aproveita enche o navio com este lixo de petista ladrão e leva pra lá a anta e Barba*", "*Chama a Dilmona, Lula e Cia também!!! Comunista maricon!!!!*", "*Leva a galera dos vermelhinhos juntos*", "*A fonte secou. Agora não vai mais tirar vantagem do Brasil... Já que não tem mais dinheiro leva a Dilma pra vcs...*". No que remete aos comentários que se alinham a esse viés, notam-se discursos claramente misóginos direcionados à Dilma, como quando se atribui que Maduro e Rafael Correa "*mamaram*" por muito tempo nas "*tetas*"

da presidenta – "*O bicho tá gordo de tanto que mamou nas tetas via Dilma*" –, além de muitas vezes se referirem a ela com termos pejorativos, como "*anta*", "*vaca*" e "*dilmona*".

Ortiz (2013, p. 619) salienta que é importante saber que transformações no contexto nacional incidem de forma direta nas discussões sobre a identidade nacional, e é este aspecto que se verifica quando do empreendimento das análises apresentadas. Esta produção expressiva de comentários e os seus sentidos latentes denotam uma quebra da ordem dos discursos (FOUCAULT, 2011) no que diz respeito aos modelos de brasilidade reproduzidos não só pelas instituições tradicionais e a publicidade, mas também por diversas correntes teóricas. O mito da cordialidade, de um povo afetivo, positivo, apresenta-se em erosão quando se interpretam os enunciados trazidos para análise. Instaura-se, com isto, um panorama em que emoções dissonantes vêm a público – a *euforia* ou a *tristeza* pelo *impeachment*, o *desprezo* direcionado aos países *bolivarianos* e ao seu povo, a *raiva* relativa aos *comunistas*, que chamam os seus embaixadores de volta, o *ódio* a uma presidenta que é chamada de *anta*, etc.. Ao mesmo tempo, outras vão sendo encobertas ou tendo os seus significados esvaziados, como é o caso da *alegria* corriqueiramente atribuída ao brasileiro. O *acolhimento* e o *respeito* às diferenças também se tornam elementos desgastados. Se antes essas características diziam muito sobre a identidade cultural brasileira, hoje, apresentam-se como impressões já em processo de desbotamento.

Considerações finais

No tempo presente, a identidade cultural brasileira enfrenta uma movência de seus sentidos. As visões de um país com um povo alegre, afetivo e cordial, características básicas sempre evocadas, já não são mais suficientes diante da complexidade de narrativas que insurgem na contemporaneidade e que, como visto, são discordantes e contraditórias por si só. Relacionada a essas reconfigurações, de modo recíproco, há a emergência de uma gramática afetiva que não se pode dizer inteiramente nova, pois se acredita que essas emoções tidas como negativas sempre fizeram parte do cotidiano da população, apesar de só agora irromperem e ganharem o espaço público de tal modo. A demonstração dos sentimentos de intolerância, ódio e preconceitos contra as minorias identitárias, antes, sempre foram varridas para debaixo do tapete, diferentemente do que acontece hoje no espalhamento das redes.

Para problematizar mais ainda a falência do mito do homem cordial brasileiro, Jessé Souza em recente publicação – *A Elite do Atraso – Da Escravidão à Lava Jato* (2017) – argumenta que a visão elaborada pelos teóricos tradicionais (como HOLANDA, 1995; FREYRE, 2005 e outros) sobre a identidade cultural brasileira, coloca o Brasil e o seu povo como vira-latas, pré-modernos, emotivos e corruptos, o que em sua reflexão decorre de uma leitura liberal,

conservadora e equivocada. Para ele, é preciso reinterpretar a história do Brasil tomando a escravidão como o elemento definitivo que nos marca como sociedade até hoje – o que pode fornecer pistas para explicar as incongruências sobre a cultura e a identidade brasileira que agora ganham o espaço público. Assim, o autor sugere que se passe a limpo a história e as teorias acerca do Brasil para que se possa compreender, de fato, não só a sua formação, mas suas idiossincrasias.

Frente a esse contexto, as redes sociais passam a dar vazão aos sentidos, ainda em trânsito, do que é o Brasil e o brasileiro, como também ecoa, através dos usos que são feitos pelos atores, as emoções e sentimentos dessa gramática ainda desordenada, explicitando que não são espaços onde há uma tirania da positividade, como já aferido por outros trabalhos. Nelas, dissensos e disputas se fazem presentes, são (re)produzidos ressentimentos, testemunhos raivosos, conflitos, que convivem com muitos outros discursos (FREIRE FILHO, 2014; 2013).

A emergência dos sentidos que atravessam as práticas discursivas apresentadas, marcadas pela raiva, a intolerância, o ódio e outras questões associadas, com circulação efetiva no espaço público, assinala transformações contundentes em torno da cultura e da identidade brasileira. Isso assevera um tempo

histórico singular, no qual as emoções mobilizam os atores políticos e os seus discursos, instaurando reconfigurações nos sentidos de justiça e nos horizontes da moralidade, haja vista o papel fundamental que as emoções exercem na formação do senso moral e no desenvolvimento de valores. Nesse sentido, cabe refletir sobre que moralidades e valores estão sendo construídos a partir das emoções identificadas, bem como as suas implicações para a vida em comum. Por se tratar de uma análise do tempo presente, não há como mensurar os seus desdobramentos. Apesar disso, é preocupante a recorrente ausência de diálogos mais produtivos nas conversações, mesmo em um espaço que, *a priori*, teria essa funcionalidade – ao passo em que são crescentes os dissensos. Ali, o sentido de discussão como troca de ideias tem uma denotação prioritariamente de embates atravessados pela agressividade, pelo rancor e pelo ressentimento.

Referências

- ANTUNES JR., Fernando Simões; WAINBERG, Jacques Alklai. Da alegria à revolta: a retórica das mídias para eliciar emoções nos brasileiros através de estereótipos. **INTERIN**, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CALHOUN, C. Putting emotions in their place. In: **GOODWIN**, Jeff; **JASPER**, James; **COULON**, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DEWEY, John. “A arte como experiência”. In: **Vida e obra**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida; MENZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Lucerna, Rio de Janeiro (RJ), 2007.
- FREIRE FILHO, João. Era uma vez o “país da alegria”: mídia, estados de ânimo e identidade nacional. **Intexto**, n. 34, p. 401-420, 2015.
- FREIRE FILHO, João. O circuito comunicacional das emoções: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. **Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu – MG, 2014.
- _____. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Ed.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades, p. 127-154. São Paulo: INTERCOM, 2013.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50.ed. São Paulo: Global Editora. 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21ed. São Paulo: Loyola: 2011.
- _____. **A arqueologia do saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JASPER, James. The emotions of protest: affective and reactive emotions in and around

social movements. **Sociological Forum**. V.13, n.3, 1998.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro.

Introdução à sociologia da emoção. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal.

Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia. Siglo XXI, Madrid, 1987.

MARCUS, George. Emotions in politics.

Annual Review of Political Science. V.3, 2000.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro.

Interrelações entre estética e política: o papel das emoções, da experiência e da narrativa ficcional. **Anais do XIX Encontro da Compós**. PUC-Rio, Rio de Janeiro-RJ, 2010.

MOUFFE, Chantal. Por um modelo agonístico de democracia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 25, p. 11-23, nov. 2005.

_____. **El retorno de lo político**. Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical. Barcelona: Paidós, 1999.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 28, Núm. 3 Setembro/Dezembro. 2013.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

POLLETTA, Francesca (eds.). **Passionate**

Politics: emotions and social movements.

Chicago: University of Chicago Press, 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**.

Porto Alegre, Sulina, 2009.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria

Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Brasil-Brasis. In: RIBEIRO, Darcy.

Utopia Brasil. São Paulo: Hedra, 2008.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **A Elite do Atraso–Da Escravidão à Lava Jato**. São Paulo: LeYa, 2017.

_____. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison.

Etnometodologia & Análise da conversa.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

WOLAK, J. et al. How the emotions of public policy affect citizen engagement, public deliberation, and the quality of electoral choice. Paper presented at the **Annual Meetings of the American Political Science Association**, August, Philadelphia – Pennsylvania, 2003.

Political crisis and discursive conflicts in sociodigital networks: emotions, culture and identity in contemporary Brazil

Abstract

The context of the impeachment process of President Dilma Rousseff points to a period of reconfiguration in Brazilian sociabilities that permeates the whole constitution of social life, facing a scenario marked by political and economic crises. Considering this scenario, one observes the conversations established in the most commented post of Revista Veja on Facebook on the day of the trial of Dilma Rousseff's impeachment process, highlighting the ethnomethodological approach to the analysis of the conversation. The results indicate the strong presence of emotions in the tessitura and production of meanings of the conversations, which point out incongruences with previously representative meanings of Brazilian society as being cheerful, cordial and welcoming. In the course of the events in question, disagreements, conflicts and waves of anger emerge and move, mobilized by the actors involved, constituting other senses and horizons of morality and justice.

Keywords

Impeachment. Emotions.
Brazilian cultural identity.

Crisis política y conflictos discursivos en redes sociodigitales: emociones, cultura e identidad en el brasil contemporáneo

Resumen

El contexto del proceso de impeachment de la presidenta Dilma Rousseff apunta un período de reconfiguraciones en las sociabilidades brasileñas que atraviesa toda la constitución de la vida social frente a un escenario marcado por crisis políticas y económicas. En este contexto, se observa las conversaciones establecidas en el post más comentado de la Revista Veja en Facebook el día del juicio del proceso de impeachment de Rousseff, destacando el enfoque etnometodológico sobre el análisis de la conversación. Los resultados indican la fuerte presencia de las emociones en la tessitura y producción de sentidos de las conversaciones, las cuales apuntan incongruencias con significados anteriormente representativos de la sociedad brasileña como siendo alegre, cordial y acogedora. En el curso de los acontecimientos en cuestión, emergen y transitan discordancias, conflictos y olas de rabia movilizadas por los actores involucrados, constituyendo otros sentidos y horizontes de moralidad y justicia.

Palabras-clave

Impeachment. Emociones.
Identidad cultural brasileña.

Geilson Fernandes de Oliveira

Doutor em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. | E-mail: geilson_fernandes@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3278-4044>

Maria das Graças Pinto Coelho

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora dos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) e em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. | E-mail: gpcoelho8@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6820-008X>

Concepção e desenho do estudo: Geilson Fernandes de Oliveira e Maria das Graças Pinto Coelho.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados:

Geilson Fernandes de Oliveira.

Redação do manuscrito: Geilson Fernandes de Oliveira.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Maria das Graças Pinto Coelho